

As transformações dos estilos de vida na modernidade e a (re)configuração dos interiores domésticos

The lifestyles changes in modernity and the domestic interiors (re)configuration

Mendes, Mariuze Dunajski. Universidade Tecnológica Federal do Paraná

mariuzem@yahoo.com.br

Resumo

Os interiores domésticos e seu mobiliário identificam usos e costumes, representando a expressão de fatores culturais, sociais, históricos, econômicos e psicológicos que motivam escolhas a partir de identidades, distinção e/ou estilos de vida. Os indivíduos compartilham socialmente valores e significados atribuídos ao espaço e artefatos que vão muito além da forma e função. Pensando a casa como produto e produtora de relações sociais, os objetivos deste artigo são de fazer uma breve reflexão sobre a construção do individualismo moderno, sua confluência com os estilos de vida contemporâneos e a relação dos mesmos com a (re)configuração dos interiores domésticos e escolha dos artefatos que o compõem.

Palavras Chave: estilos de vida; história do design; design e sociedade;

Abstract

The domestic interiors and furniture identify habitus and customs, representing the expression of cultural factors, social, historical, economic and psychological choices that motivate from identities, distinction or lifestyles. Individuals share social values and meanings assigned to home interiors and artifacts that go far beyond form and function. Thinking the house as a product and producer of social relations, the objective of this article is to make a brief reflection on the construction of modern individualism, its confluence with the styles of contemporary life in the same relationship with the (re) configuration of domestic interiors and choice of the artifacts its component.

Key-words: *lifestyle; design history; design and society*

Introdução

Os interiores domésticos e seu mobiliário identificam usos e costumes, representam a expressão de fatores culturais, sociais, históricos, econômicos e psicológicos que motivam as escolhas dos indivíduos, compartilhando socialmente valores e significados atribuídos ao espaço e artefatos. Veríssimo e Bittar definem bem o que é uma casa ao apontar valores simbólicos e materiais presentes na idéia que fazemos da mesma:

Ao falarmos da casa, uma série de imagens, códigos, reminiscências, invadem nossa imaginação. É a casa da avó, da nossa infância, de brinquedos, a cabana, o casebre? É o abrigo? O ninho? O repouso do guerreiro? O local de trabalho? O recanto dos encontros e reencontros? A personalização e identificação fechada de um universo? Simplesmente a máquina de morar preconizada pelos modernistas? Um símbolo de *status* ou de refinamento? Uma brincadeira formalista? De tudo um pouco, a casa é o reduto da família e, portanto, seu próprio espelho, refletindo também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da qual essa mesma família faz parte, ao mesmo tempo em que é sua geradora (1999: 20).

Pensando a casa como produto e produtora de relações sociais, o objetivo deste artigo é fazer uma breve reflexão sobre a construção do individualismo moderno e sua relação com a (re)configuração dos interiores domésticos, pensando no conjunto de fatores que envolvem subjetivamente a busca pela identificação na definição dos espaços e artefatos que o compõem, que assumem valores além da forma e função.

Para Lucie-Smith, no estudo da história do mobiliário, as análises sobre estilos e história dos mesmos devem ser feitas não isoladamente, mas nas relações com o entorno considerando o contexto de uso. Unir os móveis, os objetos pessoais e as lembranças sobre os ambientes são as fontes para recompor as histórias (1997, p.13).

As idéias sobre o que é um lar são culturais e temporais, variando de um lugar para outro, no entanto, sempre há uma visão predominante sobre quais os padrões de gosto e *design* para compor um lar acolhedor assim como normas sociais de comportamento nos ambientes domésticos.

Como procedimento metodológico na pesquisa (doutorado a ser concluído em 2011), adotarei o levantamento de categorias teóricas sobre o assunto e posteriormente confrontá-las, a partir de entrevistas com donos de fábricas de móveis, lojistas e consumidores, com as categorias nativas sobre a idéia de lar e configuração de estilos de vida. A proposta deste trabalho é apenas iniciar esta reflexão, apresentando um breve resumo do arcabouço teórico sobre a relação das transformações sociais e estilos de vida com a configuração do espaço das casas, usos e funções dos cômodos. Estes temas serão abordados a partir de autores como Richard Sennet, Adrian Forty, Michel de Certeau, Pierre Bourdieu, Gilberto Velho, Schapochnik, Rybczynski, Veríssimo e Bittar, Guimarães, entre outros.

As idéias de estilo de vida, vida privada e interior doméstico, discutidas no artigo, são sobre lares urbanos, de camadas sociais privilegiadas. Os sujeitos abordados possuem um lar no qual guardam seus móveis e objetos devocionais e traduzem memórias de vida em estratégias de “conformação da intimidade e personificação dos ambientes” (Schapochnik, 2004: 500). Ressaltando que este é um recorte entre tantos possíveis, cito como contraponto a este universo de pesquisa o ensaio de José de Souza Martins (1998) que apresenta a realidade dos espaços privados de quem vive no interior do Brasil, em deslocamento constante, como os posseiros, indígenas e sem-terra, “em uma vida de privações e não uma vida de privacidade” (p. 674). Nestes espaços a casa é uma continuidade da rua, ou ... a própria rua.

A casa e as transformações sociais

A casa relaciona-se intimamente com as pessoas, pois sua configuração depende da situação social e do estilo de vida de seus habitantes. A formação e a transformação da família no decorrer dos últimos séculos, nos seus aspectos sociais e comportamentais promoveu alterações nos espaços de morar. Dos salões medievais aos interiores compartimentados e individualizados, a existência dos indivíduos, como relata Sennet (1988), transforma-se a partir de um processo de “civilização” em que o privado torna-se o espaço da “verdadeira face” - da vivência familiar - e o público o espaço de “representação” e aceitação social.

A configuração da casa representa uma fronteira entre o público e o privado (não necessariamente como opostos), representando a necessidade de estarmos situados. Há uma relação de convívio, contradição ou complementaridade entre o espaço público e privado, em que as fronteiras são mescladas ou demarcadas conforme o desenrolar da vida, tempos e locais.

Historicamente, conforme Rybczynski (2002), antes que a casa se tornasse o centro da vida familiar para as populações urbanas no século XIX, a sensação de privacidade e de intimidade familiar (valores centrais para o modelo burguês de moradia) que não eram possíveis na moradia medieval, onde o salão era um cômodo único com várias funções. Segundo este autor, a casa urbana típica das cidades européias, até o século XVI, servia como moradia e local de trabalho. As pessoas cozinhavam, comiam, se entretinham e dormiam no salão, “não por falta de espaço, mas porque essa privacidade não era para a época uma necessidade – a vida era uma questão pública, e assim como as pessoas não tinham uma forte consciência de si, elas também não tinham um quarto próprio” (2002: 48).

Foi nas moradias burguesas do século XVII, que a vida familiar começou a tomar uma dimensão privada, sendo principalmente a partir do século XIX, como aponta Corbin (1991), que as relações familiares passam a modificar-se com os novos comportamentos individuais, o aumento do narcisismo, a preocupação com a poluição e a “progressiva identificação do sujeito com o corpo” (440). A noção de higienismo e a autonomia dos corpos no “prazer solitário”, faz com que no seio das famílias burguesas surja o quarto e a cama individual, enxovais personalizados com monogramas e ornamentos em profusão (442). O quarto é transformado em algo próprio e pessoal, no qual mobiliário e objetos assumem uma dimensão simbólica. A casa desta época pode ser vista como um microcosmo privado em oposição a um setor público.

Como relata Elias (1990), o processo civilizador normatizou comportamentos de homens e mulheres, definindo papéis em uma convenção social, distintos na esfera pública e privada, havendo uma mudança de valores que são articulados e rearticulados para controlar os costumes e atitudes entre os sexos (169). O projeto de humanização exige uma racionalidade para civilizar o corpo. O auto-controle das funções naturais e fisiológicas é o conceito central para a “humanização”. O interior dos lares passa a ser o centro da intimidade e, neste contexto, torna-se importante o surgimento dos cômodos separados, como o quarto individualizado para a ocultação do afeto e do banheiro para a higiene.

Os fatores vinculados à formação da identidade, a partir de trocas e vivências sociais, são permeados por aspectos psicológicos, individuais e pela cultura. O “declínio do homem público”, para Sennet (1988) é um processo de individualização, em que o espaço privado é o que permite a existência do indivíduo “natural”, como ator, se colocando no mundo a partir do outro, a partir da reflexão social, especialmente na família. Citando Rousseau, afirma que o homem “se faz para a sociedade”, a composição do “eu” se dá pela reputação em comunidades que o reconheçam e o singularizem (152). São “ficções do eu para compor o

eu”. O autor apresenta a definição de identidade de Erik Erikson, como “o ponto de encontro entre quem uma pessoa quer ser e o que o mundo permite que ela seja” (Sennet, 1988: 138).

Este processo se encontra ligado à constituição do indivíduo, a estilos de vida e práticas cotidianas, sendo assim, um processo que envolve aspectos individuais e coletivos que buscaremos resumidamente abordar.

A formação do indivíduo e o processo civilizatório

A formação da pessoa é um ato ritual, que passa por um reconhecimento social mediado por relações simbólicas - negociadas ou impostas - dependendo do contexto em que se constitui e do projeto social em que se insere.

Considerando as interações na construção da pessoa nas modernas sociedades complexas, há uma tensão entre o individualismo e a cultura a partir de “contradição(ões) entre as *particularizações* de experiências restritas a certos segmentos, categorias, grupos e até indivíduos e a *universalização* de outras experiências que se expressam culturalmente através de conjuntos de símbolos homogeneizadores – paradigmas, temas etc.” (Velho, 1987:18). Esta distinção dos indivíduos pelos códigos mais restritos ou universalizantes, a partir de suas redes de relações (que mudam com o passar do tempo nas interações sociais, não sendo, portanto, fixas), são compartilhadas em formas de linguagem - circunscritas em campos de comunicação particulares ou universais e em categorias sociais - que dão diferentes significados à informação veiculada, a partir de seus repertórios culturais.

Relacionar estilos de vida e o mobiliário, leva a refletir sobre as identidades que são articuladas em torno de significados diversos da cultura material, ou, como cita Ortner a partir de Sahlins, “atos e objetos têm significado diferente no ‘esquema simbólico coletivo’ (...) e nos planos e intenções - ‘interesses’ – dos sujeitos que agem” (2006:30).

Há, para Bourdieu, uma relação entre passado e presente, como uma “história tornada natureza” e a importância do tempo na interação e desenrolar das práticas

é o que confere às práticas sua autonomia relativa naquilo que tange as determinações externas do presente imediato. Essa autonomia é a do passado, representada e operante, a qual, funcionando como capital acumulado, produz história como base da história e com isso assegura aquele grau de permanência dentro da mudança que faz do agente individual um mundo dentro do mundo (1990:56).

Esta idéia de “um mundo dentro do mundo”, para Hall, faz pensar que o “todo unificado” é uma abstração, assim como o conceito de nação, pois não existe uma manifestação que se mantenha homogênea, inalterada e pura ao longo da história. As vontades coletivas promovem uma dinâmica que pode recuperar, manter ou renovar as tradições, reorganizando os elementos, articulando as diferentes práticas, que adquirem novos significados e relevância (Hall, 2003 b).

Bourdieu aponta que as internalizações e estratégias de ação em “estruturas estruturantes estruturadas” são fomentadas por meio de categorias comuns de percepção e apreciação em uma relação opaca de “cumplicidade ontológica”, a partir de princípios de “sociação” ou “individualização, criando *habitus* em uma combinação de esquemas do mundo. Estes podem ser ao mesmo tempo estruturados, (referindo-se a meios sociais do passado) ou estruturantes (das representações e ações presentes), operando num “princípio não escolhido de todas as escolhas” (1990: 256), o *habitus*, faz as pessoas agirem de determinada forma, sem ter plena consciência. Este se constitui em um conjunto de práticas num sistema

classificatório, com a intenção de um agente se distinguir ou se aproximar de um grupo com gostos semelhantes, estabelecendo uma relação com um “*mundo social representado*, ou seja, o *espaço dos estilos de vida*” de uma classe (grifos do autor. Bourdieu, 2007: 162).

Os estilos de vida, assim, são produtos do *habitus*, expressos por sinais distintivos ou classificatórios (*gostos*) que aproximam ou diferenciam grupos sociais, sendo que a

propensão e aptidão para a apropriação – material e/ou simbólica - de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes é a forma geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica distintiva de cada um dos sub espaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou *hexis* corporal – a mesma intenção expressiva (2007:165).

O autor aponta que até pode haver a ação criativa do presente a partir das “práticas” passadas internalizadas, desde que o *habitus* seja compreendido a partir do “campo” social específico em que está inserido, gerando práticas que não se conformam ao meio, assim, podem impulsionar a inovação social e mudança econômica (in: Wacquant: 16).

Há um sistema dualista, de diferenciação e aproximação, que já é apresentado por Simmel em 1904. Para este autor, a moda é um sistema de classificação que busca demarcar hierarquias sociais e conferir *status*, dentro de sistemas de valor das mercadorias, que, indo contra o principal argumento de Marx, não é instituído unicamente pelo *trabalho*, mas, tem como principal medida de valor o *desejo*. A necessidade das classes dominantes em destacar-se gera leis suntuárias, com controles de demanda e acesso aos esquemas da moda. Há um sistema de emulação, em que as classes “inferiores” buscam apropriar-se da moda das classes “superiores”, determinando ciclos de vida dos produtos que são modificados para manter a diferenciação (2002).

Os artefatos e os interiores domésticos fazem parte desta possibilidade de negociação e tradução, reafirmando ou contestando pelos usos e práticas os estilos de vida. Os objetos como constituidores de práticas e de um imaginário social, contribuem para a constituição das identidades sociais, tornando-se, como define Bauman (2001), “artefatos símbolo” da contemporaneidade. Na visão deste autor a posse do artefato não representa necessariamente *status*, mas é condição de pertencimento a uma comunidade pela sua mediação.

As representações simbólicas dos espaços da casa

Para entender os significados dados à casa, a pensamos em conjunto com os artefatos inseridos em seu interior. Neste artigo estaremos tratando por artefatos os móveis, objetos de decoração, eletrodomésticos e demais utensílios que configuram, pela sua presença ou ausência, o sentido do que entendemos por lar. Estaremos sempre buscando relacionar em nossa reflexão os ambientes aos artefatos por considerá-los indissociáveis na constituição material e simbólica do que representa a casa.

A preferência por determinadas configurações de espaço e artefatos traz identificação com as práticas e costumes de quem os usa. Existem valores culturalmente instituídos e compartilhados na materialidade dos produtos que o ser humano produz e utiliza em seu cotidiano. Os valores são construídos socialmente e mediam o relacionamento entre as pessoas, pelas práticas e significados a eles associados.

Os bens, como parte visível da cultura (Douglas e Ischerwood, 2006), visam comunicar e socializar os indivíduos em rituais de pertencimento ou distinção de grupos. Ligados à história da sociedade e da cultura, os objetos a transformam e são transformados

pela mesma, adquirindo valores distintos em contextos diversos - de tempo, espaço ou grupos de referência. O consumidor busca “construir um universo inteligível com os bens que escolhe” (p.113).

Partiremos do pressuposto de De Certeau (1996) sobre as práticas cotidianas como delimitadoras e significantes do espaço social. Estas práticas acontecem a partir de possibilidades e opções de escolha ofertadas. A necessidade de individualização e o grande número de opções dão origem a diferentes estilos de vida, que para Simmel (2002) surgem por uma necessidade de compensar o aumento da impessoalidade das sociedades modernas nas quais os indivíduos tendem a buscar sua individualidade e subjetividade pelas escolhas feitas.

As formas de viver e morar refletem as relações sociais e culturais dos povos frente às representações do contexto de determinadas épocas e locais. A inserção no capitalismo e os ideais de modernidade alteraram as relações simbólicas e materiais envolvidas nos artefatos domésticos e nos cômodos, que se tornam específicos para cada atividade doméstica - sala de estar, jantar, cozinha, quartos - transformando o local privado da burguesia em um refúgio, em oposição ao local público.

Os espaços da casa, como cita Ana Guimarães, podem ser divididos em: “espaços de representação (universo de exposição dos símbolos); espaços de convívio (espaços de ‘lutas’ de poder, de exposição das emoções, da vida em família)”, compreendendo o espaço da intimidade – o quarto; e o setor de serviços e higiene (2007, p.141).

Os espaços domésticos são arranjados e vivenciados. Há uma preocupação em transformar o lar em um palco de ilusões, por meio de estratégias, que Sennet (1998) apresenta como possibilidades de transformar o lar em um “lugar de ficção”, com códigos de comportamento e papéis especiais aos atores sociais.

As escolhas estão dentro de uma lógica individual e de mudanças sociais e culturais ligadas a ciclos de valorização dos bens. “O mundo é mobiliado com objetos materiais que refletem e contribuem para sua constituição cultural”, substanciando culturalmente a sociedade (McCracken 2003:104). Para este autor os canais para transferência de significado do mundo para os bens são a publicidade e a moda. Há agentes – entre eles os designers, jornalistas de moda e observadores sociais - responsáveis por captar significados da sociedade, vindos de grupos “provedores de significados” (entre eles destaca os punks, hippies e gays) e transformá-los em “código-objeto” (110-112).

Os gostos estão ligados ao sistema da moda, que para Baudrillard, “é o que há de mais inexplicável” pois, na produção constante de novos símbolos relacionados com a produção cultural em si, a moda produz uma distinção relativa, cujo valor não é universal. Funciona em um ciclo de negação do anterior, como novo padrão de “belo”, forma de “distinção”, sinal de “gosto ou “elegância” de um grupo, produzido em códigos de significações sociais, num sistema de trocas e de relações de valores (1995: 74-79).

Esta comunicação segmentada e hierarquizada e o domínio de códigos específicos podem funcionar como uma forma de exclusão e dominação. Em seu livro “Distinção”, Bourdieu faz uma análise com base em etnografias, sobre a relação entre o “interior ideal de uma casa” e as lutas simbólicas pela distinção social. Apresenta gráficos diferenciando as escolhas e as qualidades que um ambiente ideal deve ter para distintas classes sociais – operários, professores, industriais, profissionais liberais,...- demonstrando a incomensurabilidade do que representa um interior ideal, considerando fatores como: praticidade de arrumar, intimidade, harmonia, fantasia, conforto, entre outros (2007: 229 a 239).

Há um certo constrangimento social enfatizado no consumo, pois, a introdução dos aparelhos eletrodomésticos e os móveis ofertados pelo mercado podem causar um mal estar,

uma vez que, ao mesmo tempo em que a casa é o espaço da individualização, o mercado padroniza a oferta e incita ao consumo de determinados “estilos de vida” para os interiores (Forty, 2007). Quem não pode se inserir nestes “padrões” de gosto ditados pela moda, por falta de recursos financeiros, se sente excluído, estabelecendo-se uma “distinção” e hierarquização pela posse ou não de determinados bens (Bourdieu, 2007). Apresentando uma visão mais “otimista”, De Certeau (1996) aponta a criatividade das práticas cotidianas nas camadas excluídas do consumo “elitizado”, responsáveis por configurações diversas, transgressões e (re)significações dos artefatos e espaços nos seus usos, que acabam criando um campo inclusivo em estilos de vida próprios.

O “gosto” e as escolhas demarcam estilos de vida, que, ao serem expostos, mediados pelos artefatos, colocados nos interiores, expõem o que se é, ou quer representar ser. Os objetos, tratados como referenciais simbólicos (Baudrillard, 2006), apresentam uma pluralidade de significados e representações do que é um lar e como podem ser configurados os interiores domésticos.

Algumas considerações sobre as escolhas contemporâneas na configuração dos espaços domésticos

A subjetividade e as relações sociais fazem parte de um “jogo” em que as representações sociais, ligadas a estilos de vida, definem práticas e significados que traduzem a posição social do indivíduo, o singularizando ou tornando parte de uma comunidade de sentidos. Este artigo objetivou fazer uma breve e preliminar reflexão sobre a casa como produto e produtora de relações sociais. As análises buscaram relacionar a construção do individualismo moderno com a (re)configuração dos interiores domésticos, pensando no conjunto de fatores que envolvem subjetivamente a busca pela identificação na definição dos espaços e artefatos que o compõem, que assumem valores além da forma e função.

A análise de como os setores, social, íntimo e de serviço têm sido vistos ao longo da história e em diferentes contextos, possibilita compreender a significação dada aos objetos e arranjos domésticos. Enquanto no setor social os móveis e objetos têm o objetivo de ostentar as posses e modo de vida de seus moradores, são vistos no setor íntimo e de convívio familiar como apego e uma forma de resguardar a memória da família e a individualidade e no setor de serviço com espaços de funcionalidade e limpeza.

Percebe-se hoje uma reação ao estilo moderno, que esvaziou as salas, branqueou as paredes em uma referência ao higienismo, racionalizou a forma de viver, chegando ao extremo no minimalismo. A volta à tradição, incorporando móveis antigos, de família, também aponta para uma necessidade de personalizar os ambientes, traduzindo o aconchego de sentir-se em casa, com as memórias acumuladas ao longo da vida. Não é uma negação às tecnologias, mas a humanização do cenário doméstico, incorporando marcas da identidade pessoal e coletiva.

Outra “tendência” contemporânea que podemos apontar é das casas versáteis apresentada por Rial e Grossi (2000) em um estudo sobre as moradias de Paris. São espaços exíguos, que não possuem divisórias, no entanto, assumem funções diversas pela disposição dos móveis (segundo as autoras realmente móveis), que ao serem deslocados, abertos ou fechados alteram a configuração e função dos ambientes. Como citam Certeau, Giard e Mayol (1996), estes imóveis são antigas moradias do centro de Paris que foram revitalizadas para valorizar as áreas centrais, tornando-se charmosos, passando a ser objeto de desejo das

pessoas, uma forma de “distinção”, caracterizando um estilo de vida especial. Os espaços abertos e versáteis são também encontrados nos *lofts* hoje construídos especialmente para pessoas solteiras ou que vivem sem a família.

Os espaços contemporâneos passam a ser cada vez mais transformados em lugares de convívio, havendo uma “derrocada das paredes”, com ambientes de “funções sobrepostas” em um “vazio calculado” (Baudrillard, 2006). Esvaziando os ambientes foram esvaziadas as lembranças e o conforto em nome da funcionalidade. A evolução tecnológica trouxe a “mecanização da casa”, que, acompanhada pela falta de serviços, fez com que os espaços internos fossem minimizados para a casa “funcionar” melhor, ser mais fácil de manter e usar (Rybczynski:169).

Ao mesmo tempo em que os espaços internos se abrem, os muros externos sobem e os condomínios fechados criam um espaço segregado, longe das desigualdades, suas conseqüências e mazelas. Hoje, no Brasil, as elites se refugiam entre quatro paredes de condomínios, cercadas de segurança para se isolarem do mundo exterior, criando uma realidade artificial de bem estar, com todas as comodidades e bens materiais – objetos – e imateriais que fazem parte de um ritual de “ter uma face” perante o mesmo grupo, excluindo aqueles que não identificam como semelhantes, ou não fazem parte de seus projetos de vida.

Forty (2007) nos aponta que “é o fato que o lar é ao mesmo tempo uma fábrica de ilusões privadas e um catálogo de gostos, valores e idéias prontas que tornam todo o *design* doméstico tão extraordinariamente revelador das condições da vida moderna” (p. 163). A modernização, a formação dos indivíduos em um processo social, cultural e histórico, aponta para a relação dos interiores domésticos e estilos de vida, que tanto traduzem como são traduzidos, transformam como são transformados, em uma reciprocidade e interação entre os indivíduos e sociedade.

O possível, o desejado e o inesperado jogam com a criatividade das pessoas comuns e seus intérpretes – como o *designer* – para construir, desconstruir ou reconstruir o que entendemos por casa e a relação com os artefatos.

Referências

Baudrillard, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Bauman, Zygmunt. **Consuming Life**. *Journal of Consumer Culture*, vol 1 (1), 9 – 29, 2001. (disponível no Portal de Periódicos da Capes).

Bourdieu, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Editions de Minuit, 1980, chapitre 3 Structure, habitus, pratiques, pp 87-110.

_____. **The logic of practice**. Cambridge: Polity Press, 1990.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.

Certeau, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

Certeau, Michel de, Giard, Luce, Mayol, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2: morar, cozinhar.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

Corbin, Alain. **O segredo do Indivíduo.** In: Aries, P. e Duby, G. (orgs.) *História da Vida Privada*, v. 4 (Da Revolução Francesa à Primeira Guerra). São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1991, pp 419-50.

Douglas, Mary; Isherwood, Baron. **O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

Elias, Norbert. **O Processo Civilizador.** Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

Forty, Adrian. **Objetos de Desejo: design e sociedade desde 1750.** São Paulo: Cosak Naify, 2007.

Grossi, Miriam P.; Rial, Carmen S. **Vivendo em Paris: velhos e pequenos espaços numa metrópole.** Antropologia em primeira mão. Florianópolis: UFSC, 2000. Disponível em: <http://www.antropologia.ufsc.br/primeiraMao.htm>

Guimarães, Ana Lucia Verdasca. **Design, Sociedade e Cultura: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos.** Tese de doutorado, Florianópolis: UFSC, 2007.

Hall, Stuart. **Da Diápora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Lucie-Smith, Edward. **Furniture: A Concise History.** London: Thames & Hudson, 1997.

Martins, José de S. **A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira.** In: Schwarcz, Lilian (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Mauss, Marcel. Uma Categoria do Espírito Humano: A noção de Pessoa, a noção do “eu”. In: **Antropologia e Sociologia**, volume 1, São Paulo: Edusp, 1974, pp 207-241.

McCracken, Grant. **Cultura e Consumo.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

Ortner, Sherry. Uma atualização da Teoria da Prática. In Grossi, Miriam; Eckert, C.; Fry, Peter (orgs.). **Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas – 25ª RBA.** Blumenau, Editora Nova Letra, 2007, pp 19-43.

Rial, Carmen. **Da Casa de Antigamente à Casa Decorada.** In: Revista Ciência Hoje, julho de 1992.

Rybczynski, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Record 2002.

Schapochnik, Nelson. **Cartões-Postais, Álbuns de Família e Ícones da Intimidade.** In: *História da Vida Privada no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V3.

Sennet, Richard. **O Declínio do Homem Público:** As tiranias da Intimidade. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1988.

Simmel, Georg. **Filosofía de la moda.** In: *Sobre la individualidad y las formas sociales*, Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

Velho, Gilberto. **Individualismo e Cultura:** notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. Capítulo 1 - Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas.

Veríssimo, Francisco Salvador & Bittar, William Seba Mallmann. **500 Anos da Casa no Brasil.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

Wacquant, Loïc. **Mapeando o Habitus** in: *Habitus: Goiânia, UCG, Volume 2, n. 1*, pp 11-18.